

GÊNERO ORAL DEPOIMENTO EM DOCUMENTÁRIO: PARÂMETROS CARACTERIZADORES

ORAL TESTIMONY GENRE IN DOCUMENTARIES: CHARACTERIZING PARAMETERS

Clemilton Lopes PINHEIRO*
Sílvia Luis da SILVA**

RESUMO: Neste trabalho, assumimos a ideia de que o documentário é uma atividade social no interior da qual se produz o gênero oral depoimento, e objetivamos descrever os parâmetros que caracterizam esse gênero. Analisamos 31 depoimentos colhidos nos documentários “Bagaço” e “Tabuleiro de Cana, Xadrez de Cativoiro”, e detectados os mecanismos de realização textual que permitem reconhecer os parâmetros caracterizadores do gênero. Os mecanismos e os parâmetros foram agrupados em cinco componentes: temático, composicional, linguístico, pragmático e enunciativo.

PALAVRAS-CHAVE: Depoimento. Gênero oral. Parâmetros de gênero.

ABSTRACT: In this work, we assume the documentary is a social activity within which the oral testimony genre is produced, and we aim to describe this genre characterizing parameters. We analyzed 31 testimonies collected in the documentaries "Bagaço" and "Tableiro de Cana, Xadrez de Cativoiro", and detected the textual realization mechanisms that allow ones to recognize the genre characterizing parameters. These mechanisms and parameters have been grouped into five components: thematic, compositional, linguistic, pragmatic and enunciative.

KEYWORDS: Testimony, Oral genre, Genre parameters.

1 Ponto de partida: a problemática da análise de gêneros de textos

A noção de gênero é central no âmbito dos estudos sobre os textos e os discursos e atravessa diferentes enquadramentos teóricos. Nessa seara, algumas questões são geralmente consideradas logo de início, quando se pretende trabalhar teórica e/ou empiricamente com essa noção. A primeira dessas questões diz respeito ao próprio conceito. Quando se estuda gênero, deve-se, antes de tudo, responder à pergunta: o que é gênero? Uma segunda questão relevante diz respeito à unidade ou à realidade compreendida pela categoria. Em outras palavras, quando se estuda gênero, trata-se de textos ou de discursos? Por fim, a relação entre textos e

* Doutor em Letras (Filologia e Linguística Portuguesa). Professor de Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

** Doutor em Estudos da Linguagem. Professor de Linguística e Língua Portuguesa, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Campus IV.

gêneros e a instrumentalização da análise se coloca como uma terceira questão, que, da mesma forma, não pode ser dispensada para um estudo sobre gênero. Para não nos alongarmos na grande discussão que envolveria diferentes respostas para essas questões, faremos apenas uma breve reflexão no intuito de justificar nossas opções.

No que diz respeito ao alcance da noção de gênero, partimos da observação de Miranda (2010, p. 84) segundo a qual “o gênero deve definir-se levando em consideração o caráter complexo que lhe é próprio”. Para a autora, o gênero é constituído na convergência de três dimensões: social, linguística ou semiótica e psicocognitiva. É a partir dessa natureza tripla que o gênero deve ser concebido:

Concebo o gênero como um dispositivo dinâmico de estabilização de parâmetros para os diferentes planos de organização textual – ou seja, não se trata de um “molde” estático, mas de uma configuração que se altera com o tempo. É, também, uma construção social que surge no quadro de uma prática sociodiscursiva. Os falantes interiorizam, portanto, uma representação – a partir da experiência com textos ou de uma aprendizagem explícita – por um lado, dos parâmetros genéricos que organizam os mecanismos de textualização, e por outro, do modo como uma dada configuração paramétrica (um gênero) se insere numa situação específica. (MIRANDA, 2010, p. 85)

Em certa medida, essa forma de conceber o gênero converge com o entendimento de Travaglia *et al.* (2013), segundo o qual “o gênero é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade” (TRAVAGLIA, 2013, p. 4).

Há autores que empregam a expressão “gênero de discurso” (BAKHTIN, 2003; ADAM, 1999), e outros “gênero de texto” (BRONCKART, 1999, RASTIER, 2001). É claro que não se trata, no caso, apenas de uma escolha terminológica. Como também assinala Miranda (2010), os autores que focalizam o ato de utilização da língua em uma determinada prática social se reportam a “gênero de discurso”. Por outro lado, os autores que focalizam os diferentes formatos textuais, mesmo sem negar a relação dos textos com as circunstâncias em que são produzidos, se reportam a “gênero de texto”. A opção, portanto, depende da perspectiva de interesse e da própria concepção de texto e de discurso. Neste trabalho, partilhamos as noções de texto e de discurso tais como formuladas por Miranda (2010): texto é um “objeto semiótico complexo, aberto e dinâmico, que constitui uma unidade de comunicação situada, finita e autossuficiente, independentemente da modalidade ou suporte e que pode ser produzida por um ou mais sujeitos empíricos” (p. 68); ediscurso é a “língua em

ação”, que “se diferencia de acordo com as práticas sociais” (p. 69). Como nosso foco, neste trabalho, serão os diferentes formatos textuais, defendemos que se trata de gênero de texto.

No que diz respeito à instrumentalização da análise de gêneros e de textos, Coutinho (2007) defende a possibilidade de descrição dos gêneros sob pena de se ficar com um modelo de organização dos textos que não apresente relação com os formatos de que dependem, mesmo que de forma mais ou menos rígida e mais ou menos criativa. Além disso, defende a autora, na esteira de vários outros autores, a necessidade de distinguir estabilidade e mudança na problemática do gênero.

Face à problemática da relação gênero/texto (a multiplicidade de fatores e de critérios que podem intervir na tarefa de descrição e na natureza mutável que caracteriza o gênero, a relação que todo texto tem com um gênero, que o reproduz de forma mais fiel ou mais livre), a autora apresenta uma proposta de análise que objetiva operacionalizar a duplicidade de planos necessariamente envolvidos na produção e interpretação textual:

O plano da genericidade, que assegura “ares de família” (sem incluir, sublinhe-se, obrigatoriedades nem ambições universalizantes) e o plano da singularidade, através do qual cada texto se constitui como um caso único (semelhante, em última análise, ao texto literário, cuja singularidade se evidencia em primeiro lugar por razões de ordem estética). Deste ponto de vista, trata-se de definir instrumentos de análise que permitam lidar, de forma controlada, com a entidade não ontológica que é o gênero e com a duplicidade de objectos de análise – gênero e texto(s) (COUTINHO, 2007, p. 639-40).

Em outras palavras, o que a autora propõe é uma análise capaz de dar conta de dois objetos diferentes, embora muito próximos: os gêneros, que são destituídos de realidade ontológica e que funcionam como fatores de estabilidade e normatividade; e os textos, que são casos singulares e aproveitam as possibilidades de variação dos gêneros.

Essa possibilidade de analisar dois objetos diferentes se sustenta em duas noções: parâmetros de gêneros (características previsíveis que constituem a identidade do gênero) e mecanismos de realização textual (o modo como cada texto dá conta das previsibilidades determinadas pelo gênero). Na prática, o que acontece é o seguinte: “O movimento parte dos textos concretos – os únicos directamente disponíveis para análise; o levantamento dos mecanismos de realização textual permite identificar parâmetros de gênero, devendo estes ser de novo confrontados com o plano dos textos, de modo a assegurar uma análise de controle” (COUTINHO, 2007, p. 644). A figura 1 resume os procedimentos e os instrumentos de análise da proposta:

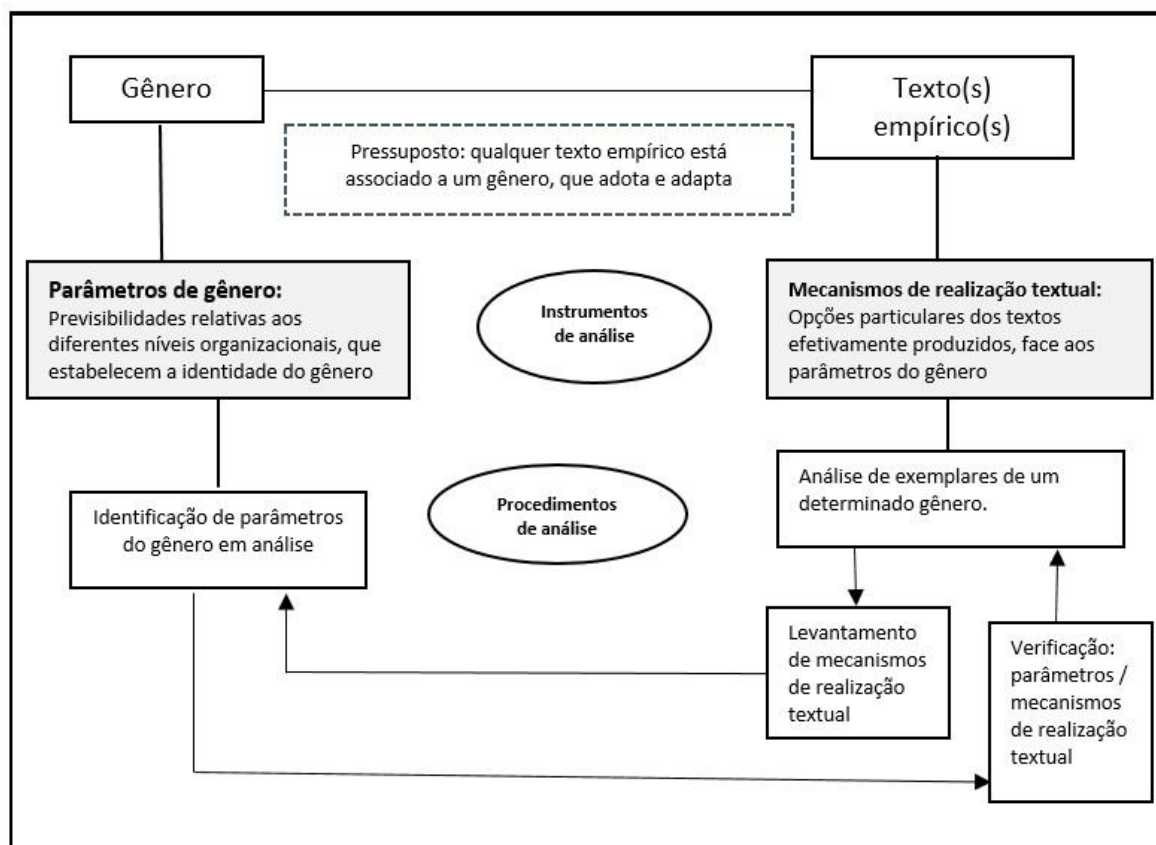


Figura 1. Procedimentos e instrumentos de análise de gêneros e de textos

Fonte: Coutinho, 2007, p. 645

Em resumo, essa proposta permite duas importantes possibilidades no que diz respeito ao estudo da relação gênero/texto: a de descrever articuladamente os textos e os gêneros, e a de descrever, através das noções de parâmetros de gênero e de mecanismos de realização textual, a variação e a mudança genérica. Além disso, essa proposta permite também a distinção de diferentes processos de análise: a análise abstrata dos gêneros (os parâmetros) e a análise empírica dos textos concretos (os mecanismos de realização textual). Com base nos mecanismos de realização textual, é possível verificar se um texto empírico se inscreve em um gênero e não em outro.

2. Parada no caminho: o gênero oral depoimento em documentário

Considerando a breve discussão teórica apresentando no item anterior, a partir deste ponto, faremos uma breve parada na seara dos estudos de gêneros orais, com o propósito de contribuir com a caracterização do gênero depoimento em documentário.

2.1. Sobre conceituação de gênero oral depoimento

No que diz respeito ao conceito de gênero oral e ao vínculo desse conceito à atividade social, assumimos o que estabelecem Travaglia *et al* (2013). Para os autores os gêneros são organizados por esferas de atividade humana, entre as quais enumeram esferas das relações do dia a dia, esferas do entretenimento e literária, esferas escolar e acadêmica, esfera religiosa etc. Seguindo esse raciocínio, defendemos que o documentário é uma atividade social no interior da qual se produz o gênero oral depoimento.

O documentário “estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico” (RAMOS, 2008, p. 22), tem uma preocupação social, pautada pela observação da realidade, e conta com a presença constante de sujeitos sociais:

O documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. (RAMOS, 2008, p. 22).

O documentário aborda uma dada questão de maneira objetiva, aproximando-a da realidade e divulgando uma visão a respeito dela. “Um filme documentário, ao escolher seu objeto, é responsável pelo modo com que esse objeto poderá agir sobre a cultura, isto é, como este objeto poderá se transformar em meio de produção para outras obras” (OMAR, 1978, p. 8).

Nichols (2005) divide os documentários em dois tipos prototípicos: (a) de satisfação dos desejos, chamados normalmente de ficção, e (b) de representação social, ou seja, de não-ficção. Em ambos os tipos, são produzidos os depoimentos, ou seja, a fala dos sujeitos, que se dirigem diretamente à câmera. Nesse sentido, assumimos que estamos diante de um gênero oral, já que tem como suporte a voz humana e foi produzido para ter uma realização oral (TRAVAGLIA *et al.*, 2013).

2.2. Sobre a análise: dados e procedimento

Para a análise, utilizamos 31 depoimentos colhidos nos documentários “Bagaço” e “Tabuleiro de Cana, Xadrez de Cativoiro”. Os dois documentários são do tipo não-ficção e exploram o problema do trabalho escravo nas lavouras de cana de açúcar. Não há nenhuma razão teórica específica para justificar a escolha por esses documentários. Tendo em vista nosso propósito de caracterizar o gênero depoimento, reutilizamos o material que já tínhamos disponível, coletado em momento anterior para estudo com outro objetivo: o de discutir as relações que a prática social da escravidão moderna estabelece com o mundo e, por conseguinte, com os escravizados e sua representação do agir nos/pelos discursos (SILVA, 2016).

O documentário “Bagaço” apresenta uma mostra das condições de trabalho no corte de cana da indústria pernambucana, denuncia as violações diárias dos direitos dos trabalhadores, a destruição do meio ambiente e a inviabilidade de um sistema de trabalho baseado no latifúndio e na superexploração do trabalho humano. O filme é uma realização da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e Comissão Pastoral da Terra. Tem roteiro de Marluce Melo, Maria Luisa Mendonça, Plácido Júnior e Tiago Thorlby, direção de Maria Luisa Mendonça e Thalles Gomes e edição de Hiran Cordeiro. Foi produzido em 2006, e tem duração de 25 minutos. Esse documentário possui 12 depoimentos.

O documentário “Tabuleiro de Cana, Xadrez de Cativoiro” é uma produção da Comissão Pastoral da Terra de Alagoas e aborda a exploração do trabalho escravo da agroindústria da cana. Expõe depoimentos contundentes da superexploração dos cortadores de cana da região, que vitimiza milhares de trabalhadores alagoanos, pernambucanos, baianos. Em foco estão os trabalhadores da região de Mato Grosso e Alagoas, cujas vidas são retratadas por meio de seus relatos. Possui direção de Thalles Gomes, produção de Lilian Nunes e Carlos Lima e pós-produção e finalização da TV Mangue. Também foi produzido em 2006, e, em seus 35 minutos de duração, apresenta 19 depoimentos.

“Bagaço” e “Tabuleiro” retratam a vida dos trabalhadores e apresentam um universo distinto do apresentado pela mídia sobre o setor, cujo sucesso econômico é veiculado como um mérito.

Os depoimentos foram analisados individualmente para serem detectados os mecanismos de realização textual que permitem reconhecer os parâmetros caracterizadores do

gênero (COUTINHO, 2007). Os mecanismos e os parâmetros foram agrupados em cinco componentes¹:

- a) componente temático
- b) componente composicional
- c) componente linguístico
- d) componente pragmático
- e) componente enunciativo

2.3. Sobre a caracterização: os parâmetros do gênero oral depoimento

2.3.1. Componente temático

O conteúdo temático como um parâmetro de gênero diz respeito aos assuntos ou temas tratados no texto. Segundo Travaglia (2007, p. 43), “é o que pode ser dito”. “As características relativas ao conteúdo temático nos levam, em princípio, ao que devemos dizer ao produzir a categoria ou ao que esperar na leitura/compreensão de uma categoria”. Segundo o autor, para a categoria de texto, no caso o gênero, mais em termos de tipo de informação do que de conteúdos específicos. Devemos acrescentar a isso, nos termos de Adam (2002), que os temas podem apresentar uma natureza ficcional ou não ficcional, em conformidade com a realidade objetiva.

No que diz respeito aos depoimentos, o conteúdo temático básico caracterizador do gênero são as experiências de vida dos depoentes. No que diz respeito aos depoimentos analisados, o conteúdo específico não é tão variado e heterogêneo. É possível perceber que os temas são abordados em função das perguntas de um entrevistador que aparece em *off*, mas representam as experiências dos sujeitos, ou seja, se organizam em torno de um macro tema “o trabalho nos canaviais”, como desdobramentos dele. Os temas mais recorrentes, em termos de conteúdos específicos, dos depoimentos analisados são: aliciamento para o trabalho, condições de trabalho, alojamento, salário, forma de pagamento, alimentação, expectativas de vida, família. Quanto à conformidade do tema com a realidade objetiva, todos os depoimentos são não ficcionais, ou seja, são constituídos a partir de fatos reais. A natureza não-ficcional

¹Agrupamento baseado em propostas de análise textual de Bronckart, (1999), Adam (2002), Travaglia (2007).

dos temas e sua organização em torno de um macro tema decorre da própria condição de produção, o que revela uma interdependência com parâmetros de outra natureza.

Em (01), reproduzimos, a título de exemplo, a transcrição de um dos depoimentos do documentário Bagaço, cujo tema é “salário”². Sabemos que esse é o tema em função da retomada do referente manifesto, por exemplo, pelas expressões “o salario” e “o dinheiro”. Essas retomadas, anafóricas, promovem uma contração, que abrange, exatamente, a ideia mais concernente, relevante e localizada ao longo de todo o depoimento, e que configura o tema.

(01)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|----|--------|---|
| 1 | Inf. 1 | a gente luta lutaluta pra fazê u salário... não tira o salário da gente hoje.. de jeito manera nenhuma ... o seguinte e esse... |
| | Inf. 2 | mai aqui num existe saLAro... aqui:: e::le paga:: de cana oito real... se a gente trabaia |
| 5 | Inf. 3 | o que fazer se faze uma.. ganha:: oito real.. aqui não tem salaro certo |
| | Inf. 4 | o sala::ro eu nu::m sei ainda não |
| | Inf. 5 | de dinheiro:: ninguém nem fala porque:: é uma mincharia... o caba ganha só pra não tá parado mermo |
| | Inf. 6 | é o salário é por tonelada.. a gente corta:: uma tonelada de cana |
| 10 | | ganha:: oito reais |
| | Inf. 7 | se faze aqui quarenta tonelada quando vai receber o dinheiro aí:: é cento e sessenta conto |
| | Inf. 8 | O meu dinheiro aqui na cana aqui... às vezes dá pra descola... às vezes não dá... às vezes eu ganho vinte conto... vinte e cinco... |
| 15 | | dezoito... agora também tem dia que não ganha nada o volta pra casa a veis, né? |

É preciso ressaltar que não são os temas em si o parâmetro do gênero, mas a sua natureza não-ficcional e a relação direta com um único domínio conceitual mais amplo, no

²Os depoimentos foram transcritos segundo as normas do PETEDI – Grupo de pesquisa sobre texto e discurso.

caso a questão abordada nos documentários, ou seja, a experiência de vida dos depoentes, que nesse caso, refere-se ao trabalho com a cana de açúcar. Face a esse parâmetro, todos os depoimentos analisados atualizam essa propriedade em termos de realização textual.

2.3.2. Componente composicional

O componente composicional inclui a organização global do texto, e se associa a constantes de construção composicionais, dadas pela segmentação (visível e legível) em partes/unidades. Como constantes composicionais Adam (2002) inclui os tipos de sequências textuais e os planos de texto.

Segundo Adam (2008), as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições. A macroproposição é uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisas dentro do todo ordenado da sequência. Cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da sequência. Adam (2008) estipula a existência de cinco protótipos de sequências de base, passíveis de serem atualizadas, de forma única e particular, em cada texto: descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialogal.

Não nos parece que haja um plano, nos termos de Adam (2008), para ser tomado como parâmetro do gênero depoimento. Os depoimentos são normalmente constituídos por curtas sequências de enunciados, normalmente justapostas, de forma que não é possível depreender uma *dispositio*. Já em relação à sequencialidade, o gênero depoimento caracteriza-se pela composição em sequência narrativa. Caracteriza-se também por um esquema próprio de sequência narrativa cuja característica é um baixo grau de narratividade. O esquema dessa narração é composto por cinco fases.

Ilustramos esse parâmetro com uma breve análise do depoimento transcrito em (02). Trata-se de uma sequência narrativa, porque ocorre a exposição de fatos, que podem ser entendidos como eventos ou ações (ADAM, 2008). No caso, ocorre a exposição de eventos, que é a ação sem a intervenção intencional de um agente. Neste depoimento, a sequência apresenta-se constituída de cinco fases: antes do processo (f1), o início (f2), o curso do processo (f3), o fim do processo (f4), e, por último, depois do processo (f5). Esse esquema caracteriza, em termos gerais, todos os depoimentos.

(02)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|----|--------|--|
| 1 | Inf. 1 | [f1 meu nomi ... é:: SFS... nasci nu IngenhuViLUdo... município de Nazaré da Mata... ali eu mi criei...] [f2 acaba di oito anu meu pai... si mudo-sipu engenho do juncu... i ali quanu cheguei no engenho do junco... cheguei cum oitupanovi anu... e ali começo:: a i trabaia eu mais a cana cadu meu pai... eu |
| 5 | | cum novipadeiz anu.. e a cana no fechura dez cana...][f3caba d'um anu... ai aumento a cana pa vinte... no fechu... eu num podia butá vinte qui era pesadu... eu butavaQUINzi...][f4 o feitô:: a::ponto... dizia – “dexe... quanu ele tive maió... a gente desconta essa cana” - ...][f5 ali eu trabalhei mais ou |
| 10 | | menus uns catorze a quinze anu ali no engenho ... do JUNco] |

Esse é, portanto, o parâmetro predominantemente atualizado nos textos dos depoimentos. Outras sequências são também atualizadas, mas de forma muito pontual. É o caso das sequências descritivas e argumentativas.

Ainda no que diz respeito ao componente composicional, podemos apontar como característica do gênero depoimento dois tipos de discurso. Segundo Bronckart (1999, p. 149), os tipos de discurso são “formas linguísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos”. Essas formas ou segmentos fazem parte da composição de todo texto, representam diferentes operações psicolinguageiras e mobilizam conjuntos particulares de recursos linguísticos. Como os textos se organizam em gêneros, os tipos de discurso compõem os gêneros.

Os tipos de discurso se originam da interseção de operações que envolvem o conteúdo semiotizado, as coordenadas do mundo ordinário e as instâncias de agentividade. Se o conteúdo temático é ancorado em um dado espaço/tempo (“num reinado muito distante”, “naquele dia...”), significa que ele é disjuncto das coordenadas do mundo. Mas, se esse conteúdo não está ancorado em nenhuma origem específica, ele se organiza inevitavelmente em referência às coordenadas do mundo. Ocorre uma relação de conjunção. Essa primeira distinção estabelece a oposição entre o narrar (disjunção) eo expor (conjunção). Se o texto mobiliza elementos do ato de produção e faz referências dêiticas a eles (“eu”, “aqui”), ocorre uma relação de implicação. Ao contrário, se o texto não explicita esses

elementos, ocorre uma relação de autonomia. Essa segunda distinção estabelece também uma segunda oposição entre mundo implicado e mundo autônomo. O cruzamento das duas oposições define, então, quatro tipos de mundo (expor implicado, expor autônomo, narrar implicado e narrar autônomo), que, por sua vez, são traduzidos nos quatro tipos de discurso, respectivamente: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração (BRONCKART, 1999).

Considerando esse parâmetro, o gênero depoimento caracteriza-se pela presença do relato interativo ou do discurso interativo na sua composição. Em termos exclusivamente de criação de mundos discursivos, a característica é a implicação, ou seja, os elementos do ato de produção são mobilizados no texto. O depoimento transcrito em (02) pode ser tomado também para exemplificar esse parâmetro. Ali, predomina o relato interativo, que pertence à ordem do narrar, marcado pela disjunção entre o conteúdo temático e a situação de produção. Isso é percebido pela explicitação de uma origem temporal e espacial a partir da qual os processos são organizados cronologicamente ou narrados.

No depoimento transcrito em (03), feito pelo bispo emérito, defensor dos trabalhadores, a característica é o discurso interativo. O conteúdo temático é apresentado conjuntamente às coordenadas do mundo (“aqui em São Felix”) e o agente é implicado (“eu tenho experiência”).

(03)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|----|--------|---|
| 1 | Inf. 1 | Vida de peão... não valia nada... a verdade era essa... eu tenho experiência de ter enterrado vários peões... sem tre::cho... sem CAxão...sem documento... sem no::me inclusive... o baiano ... o CHicão ... o Preto... outros/os outros peões faziam () dos otras prostitutas acompanhavam e o |
| 5 | | padre... e a garrafa de:: PINga ()... para criar ânimo e coragem na hora de enterrar o companheiro... e na perspectiva de amanhã ser enterrado eu, né?... tem esse cemitério aqui na avenida do Araguaia... aqui em São Felix... que é para mi::m como o lugar mais... SAgra::do diríamos... da região... tenho dito várias vezes que... gostaria de ser enterrado lá, né?... inclusive no |
| 10 | | dia que fui (con)sagrado bispo... DE manhã... eu tinha enterrado um peão... sem no::me... inclusive os coveiros conversava discutia... a cabeça para cá a cabeça para acolá () colocavam a cabeça do lado... olhando para as |

fazendas.. condenando as fazenda... excomungando

15

Como ocorre com as sequências, o discurso interativo e o relato interativo são os parâmetros atualizados nos textos. Da mesma forma, outros tipos de discurso entram na composição dos textos, de forma muito pontual.

2.3.3. Componente linguístico

Por componente linguístico, estamos entendendo o que Adam (2002) chama de “textura micro-linguística”. Nos termos de Travaglia (2007), são os elementos de formulação linguística, presente na superfície linguística do texto. “Essas características podem referir-se a qualquer plano da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) ou nível (lexical, frasal, textual)” (TRAVAGLIA, 2007, p. 62).

Nos depoimentos, as propriedades que compõem o parâmetro do gênero estão em uma forte relação com o parâmetro tipo de discurso, do componente composicional, pois, como assinala Bronckart (1999), os tipos de discurso mobilizam conjuntos particulares de recursos linguísticos de uma dada língua, que também os caracterizam. Nesse sentido, as seguintes propriedades linguísticas compõem o parâmetro do componente linguístico que caracteriza o gênero depoimento:

Quadro 1. Componentes linguísticos do gênero depoimento

| Discurso interativo | Relato interativo |
|---|---|
| Verbos no presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico | Verbos no pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro |
| Unidades que remetem a objetos acessíveis, ao espaço e ao tempo | Organizadores temporais |
| Nomes próprios e pronomes de 1ª pessoa | Pronome de 1ª pessoa e de 2ª pessoa |
| Auxiliares de modo | Densidade verbal elevada (grande presença de formas verbais) |
| Densidade verbal elevada (grande presença de formas verbais) | Densidade sintagmática baixa (organização sintática simples) |
| Densidade sintática baixa (organização | |

| | |
|--------------------|--|
| sintática simples) | |
|--------------------|--|

Esse parâmetro é sempre atualizado nos textos. Se voltarmos ao depoimento transcrito em (02), podemos observar essas propriedades. O depoimento é composto por um relato interativo. É possível observarmos a presença do pretérito perfeito (“comecei”, “trabalhei”) e do imperfeito (“era”, “trabalhava”), de organizadores temporais, que decompõem o narrar desenvolvido a partir da origem espaço-temporal, (“com treze ano de idade”, “desde de nove ano de idade”), além da alta densidade verbal e, correlativamente, densidade sintagmática mais baixa. Algumas das propriedades linguísticas do discurso interativo podem ser percebidas no depoimento transcrito em (03): verbos no presente (“tenho”, “tem”), nomes próprios e pronomes de 1ª pessoa (“eu”, “o Baiano, o Chicão), alta densidade verbal.

2.3.4. Componente pragmático

O objetivo ou função sociocomunicativa é o parâmetro do componente pragmático a que recorre Travaglia (2007) para caracterizar o texto. É, da mesma forma, contemplado na proposta de Adam (2002). Nos depoimentos analisados, os temas como “origem no trabalho”, “medição da cana”, “saúde”, “opção de trabalho”, “direitos” etc. apresentam a dimensão pragmática que está na base da intenção comunicativa da sequência narrativa. Trata-se de um componente que mantém também estreita relação com o componente composicional e com o componente temático. À dimensão composicional do texto corresponde uma dimensão pragmática que se prende a uma intenção comunicativa, que está, principalmente, na base das sequências. Os depoimentos têm uma finalidade global, conseguida através de uma forma de organização textual: a sequência narrativa. Essa finalidade é a exposição de fatos, sejam eventos ou ações.

Esse é o parâmetro que caracteriza o gênero, e, por isso, é atualizado em praticamente todos os textos. No entanto, para a finalidade global de expor fatos convergem outras finalidades específicas/particulares. Nesse sentido, os depoimentos também atualizam pontualmente algumas outras finalidades específicas como a de detalhar um fato, realizada pela sequência descritiva, ou a defender um ponto de vista, realizada pela sequência argumentativa.

2.3.5. Componente enunciativo

Segundo Adam (2002), no componente enunciativo se incluem as propriedades decorrentes da situação de produção do texto. Para Travaglia (2007, p. 71), entre essas propriedades deve-se incluir: “quem produz, para quem, quando, onde (geralmente um quadro institucional), o suporte, o serviço etc”.

No caso dos depoimentos, os indivíduos são alguém que relata experiências de vida, no caso dos documentários analisados, os trabalhadores do corte da cana de açúcar, e outros nesse trabalho (a representante do sindicato, o recrutador de trabalhadores – o gato -, as esposas de trabalhadores e o membro da Comissão Pastoral da Terra – CPT). As propriedades enunciativas dos depoimentos estão estreitamente ligadas ao documentário, que é a atividade no interior da qual eles são produzidos: representação social, não ficção, sujeitos sociais que se dirigem à câmera, espectador não definido, filme documentário. Esse conjunto de propriedades constitui o parâmetro do gênero do componente enunciativo. Ressaltamos que não são a representação social e o sujeito social em si mesmos o parâmetro, mas a presença do conjunto dessas propriedades. Nesses termos, o parâmetro é atualizado em todos os textos.

Tomando especificamente a propriedade “quem produz”, entendemos que é possível depreender de forma mais específica um parâmetro que caracteriza o gênero depoimento. Segundo Bronckart (1999, p. 319), no nível enunciativo dos textos, explicitam-se, “as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentidos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático”, e as próprias fontes dessas avaliações, ou seja, “as instâncias que as assumem ou que se ‘responsabilizam’ por elas”.

No que diz respeito às instâncias ou vozes, Bronckart (1999, p. 326) entende que há uma instância geral, supraordenada, responsável diretamente pelo dizer. “Essa voz, que se poderia chamar de neutra, é, portanto, conforme o tipo de discurso, ou a do narrador ou a do expositor”. Além dessa instância supraordenada, a voz do narrador ou expositor, outras vozes, infraordenadas, podem assumir a responsabilidade do dizer. O autor agrupa essas vozes em três categorias gerais: a voz do autor empírico, as vozes sociais e as vozes de personagens. A voz do autor empírico “é a que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado” (1999, p. 327). As vozes sociais procedem de pessoas ou instituições humanas

exteriores ao conteúdo temático, como vemos em (3). As vozes de personagens, por sua vez, procedem de pessoas ou instituições implicadas diretamente no desenvolvimento desse conteúdo temático. Essas vozes podem ser expressas de modo direto ou indireto.

As modalizações ou avaliações se classificam, de acordo com suas funções, em quatro grupos: lógicas, deônticas, pragmáticas e apreciativas. As lógicas consistem na avaliação do conteúdo temático a partir de critérios do mundo objetivo e do ponto de vista de suas condições de verdade. O conteúdo temático do texto pode, então, ser avaliado como certo, possível, provável, improvável etc. As modalizações deônticas avaliam o conteúdo a partir de valores, opiniões e regras do mundo social. O conteúdo pode, nesse caso, ser avaliado como permitido, proibido, desejável, necessário. As pragmáticas realizam uma avaliação sobre um dos aspectos “da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição etc.) em relação às ações de que é agente” (BRONCKART, 1999, p. 332). São avaliadas, portanto, as intenções, razões ou capacidades de ação desse agente. As apreciativas consistem na avaliação do conteúdo temático sob a perspectiva de uma determinada instância enunciativa do texto, ou seja, procedente do mundo subjetivo que é a fonte da avaliação. Assim, o conteúdo é avaliado como bom, ruim, estranho do ponto de vista dessa instância que avalia.

A análise dos depoimentos a partir dessas propriedades enunciativas mostra que a presença da voz do autor empírico é um parâmetro que caracteriza o gênero. Essa voz revela a identidade do sujeito que fala e que se exprime em seu próprio nome, responsabilizando-se pelo que é enunciado no texto. Esse é o parâmetro atualizado em praticamente todos os textos. Em termos de atualização textual, outras vozes também estão presentes, a de personagens, que são colocados em cena, e a voz social. O depoimento transcrito em (04) exemplifica como esse parâmetro do gênero é atualizado textualmente. A voz aí presente procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual, no caso, um trabalhador. Já o depoimento transcrito em (05) traz um exemplo de atualização textual da voz de um personagem, no caso todos os trabalhadores (a gente).

(04)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|---|--------|---|
| 1 | Inf. 1 | E::u comecei trabaiá cum sete ano... então eRA:: ... meu pai não queria má eu fui... escondido dele e ai:: quando eu quis pará de trabaiá ele disse agora |
|---|--------|---|

ce vai porque foi você que foi se o::ferecê ao senhô de engenho pá trabalha
 aí eu continuei a trabaiáaTÉ:: completa sessenta e sete ano

5

(05)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|---|--------|---|
| 1 | Inf. 1 | O pobrema é de que:: os feitore puxa muito... os trabaiadô ... tem dia que a gente corta cana tem dia que dá diária tem dia que num dá manda a gente interá de otucantu ... a gente vê qui dá e diz quinum dá |
|---|--------|---|

No que diz respeito à modalização, as avaliações apreciativas constituem o parâmetro que caracteriza o gênero. As vozes do sujeito empírico ou das personagens realizam julgamentos acerca do conteúdo temático sob o seu próprio ponto de vista. É o que ilustra o depoimento transcrito em (06) no que diz respeito à avaliação negativa que o trabalhador faz em relação ao salário: “o salaro eu num sei ainda não; é uma mincharia”. Como acontece com os demais, esse parâmetro é atualizado praticamente em todos os textos. Da mesma forma, há textos que atualizam outros tipos de modalização.

(06)

Linha Participante Trecho transcrito

| | | |
|---|--------|--|
| 1 | Inf. 1 | O dinheru:: ... ninguém nem fala... porque uma micharia... caba ganha só pá num tá parado memu |
|---|--------|--|

Os parâmetros gestão de vozes e modalização estão também ligados aos parâmetros do componente linguístico, já que são realizados por unidades linguísticas específicas. A voz do autor empírico, por exemplo, é comumente marcada pelo pronome de primeira pessoa “eu”. Algumas locuções adverbiais (certamente, infelizmente, talvez) e orações impessoais (é provável que, é impossível) se prestam a marcar alguns tipos de modalização.

3. Aonde podemos chegar: à guisa de conclusão

As características observadas em cada exemplar de texto, em seu conjunto, podem determinar os parâmetros do gênero oral depoimento em documentário. Esses parâmetros se organizam em cinco componentes, conforme sintetizados no seguinte quadro:

Quadro 2. Parâmetros do gênero oral depoimentos em documentários

| Componente | Parâmetro do gênero |
|-------------------|---|
| Temático | Tema não ficcional: experiências de vida dos depoentes Relação hierárquica com um macro tema |
| Composicional | Sequência narrativa Esquema narrativo composto por 5 fases Relato interativo Discurso interativo |
| Linguístico | Verbos no presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico Unidades que remetem a objetos acessíveis, ao espaço e ao tempo Nomes próprios e pronomes de 1ª pessoa Auxiliares de modo Densidade verbal alta em relação ao tipo de discurso Densidade sintática baixa em relação ao tipo de discurso |
| Pragmático | Expor fatos (eventos ou ações) |
| Enunciativo | Representação social, não ficção Sujeitos sociais que se dirigem à câmera Espectador não definido, Filme documentário Voz do autor empírico Modalização apreciativa |

Em alguns exemplares de depoimentos esses parâmetros não são atualizados e outras propriedades são observadas. Essa não atualização de alguns parâmetros em alguns exemplares de textos é própria da maleabilidade e do dinamismo que caracterizam os gêneros:

Interessa sublinhar que a noção de parâmetros de gênero não pretende, de forma nenhuma, rigidificar a análise dos gêneros de texto – que, por definição, são maleáveis, mudando com o tempo e com as práticas sociais (colectivas e/ou individuais); trata-se sobretudo de captar os factores que definem a (relativa) estabilidade de cada gênero, na (relativa) estabilidade

(social e epocal) da actividade a que está associado. (COUTINHO, 2006, p. 7)

Entendemos, assim, que a caracterização a que chegamos com nossa análise sobre o gênero oral depoimento contribui para o entendimento do funcionamento dos gêneros orais de uma forma geral. Os parâmetros aqui descritos devem ser tomados como ponto de partida para trabalhos posteriores, que podem ampliar o número de exemplares de texto e estender a análise para depoimentos de documentários sobre outros temas.

Os resultados a que chegamos apontam ainda para a necessidade de se discutir a adequação da abordagem teórico-metodológico adotada, pautada na noção de parâmetro genérico e de mecanismo de realização textual. Essa abordagem, de fato, como aponta Coutinho (2007), permite tratar adequadamente a análise de objetos que pertencem a diferentes planos: os textos (plano empírico) e os gêneros (plano abstrato). No entanto, a noção de mecanismos de realização textual parece dar conta apenas da atualização dos parâmetros de gênero de natureza estritamente textual, como as propriedades dos componentes temático, composicional e linguístico³. Se consideramos, por exemplo, os parâmetros “expor fatos” (componente pragmático) e “representação social não ficção” (componente enunciativo), percebemos que não são propriedades textuais no sentido estritamente linguístico. Trata-se, portanto, de um parâmetro externo. Segundo Charaudeau (2002, p. 58, tradução nossa), “as restrições situacionais do ato de comunicação devem ser consideradas como dados externos, mas elas têm razão de ser apenas porque têm por finalidade a construção do discurso⁴”.

Nesse sentido, não é possível falar de mecanismos de realização textual no que se refere aos parâmetros dos componentes pragmático e enunciativo, embora eles sejam características dos textos. Por isso, julgamos pertinente optar por não falar de mecanismos de realização textual, mas simplesmente de atualização ou não de parâmetro.

Por fim, achamos que este trabalho também permite trazer mais uma vez à tona a discussão sobre as possibilidades e os limites dos estudos de gênero e sobre o próprio conceito de gênero. Os estudos sobre gêneros, como o que realizamos neste trabalho, têm servido para pensar sobre a existência de uma “regra do jogo” que atua na produção e na

³Essa questão já foi, aliás, posta em discussão por Silva (2013).

⁴“Les contraintes situationnelles de l’acte de communication doivent être reconsidérées comme des données externes, mais elles n’ont raison d’être que parce qu’elles sont pour finalité de construire du discours.”

compreensão dos textos. Essa “regra do jogo” aponta para a concepção de gênero como dispositivo dinâmico que atua nos diferentes planos de organização textual:

Os gêneros, que inserem a produção e a recepção de textos no horizonte de significações autorizadas por convenção, constituem as tais *regras do jogo*, e mesmo, é verdade, regras do jogo particularmente complicadas, pois, diferente de outras tradições textuais (motivos, conteúdos, estilos etc), que abarcam apenas fenômenos parciais do texto, formam conjuntos que contemplam o conteúdo, a composição, a técnica e o estilo, a intenção e a função, que organizam o texto em sua totalidade, ou seja, da menor à maior unidade significativa. (KUON, 2015, p. 183, tradução nossa)⁵

Nesse sentido, convém frisar que há ainda muito o que se pensar sobre a questão da natureza do objeto, das categorias e dos procedimentos metodológicos disponíveis nos estudos de gêneros e de textos.

Referências Bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, Jean-Michel. En finir avec les types de textes. In: BALLABRIGA, Michel (Org.). **Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation**. Toulouse: Editions Universitaire du Sud, 2002, p. 25-43.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BAGAÇO. Direção: Maria Luisa Mendonça e Thalles Gomes. Brasil: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e Comissão Pastoral da Terra, 2006. Duração 25 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LA9EInFFwRU>. Acesso em mar/2016.

⁵ “Les genres, qui insèrent la production et la réception de texte dans un horizon de significations autorisées par convention, constituent de telles *règles du jeu* et même, il est vrai, des règles du jeu particulièrement compliquées, car, à la différence d’autres traductions textuelles (motifs, contenus, styles etc), celles-ci ne touchent pas que des phénomènes partiels du texte, mais forment des ensembles de moments touchant le contenu, la composition, la technique et le style, l’intention et la fonction organisant le texte en sa totalité, c’est-à-dire de puis la plus petite jus qu’à la plus grande unité significative”.

BAKHTIN, Mikhael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Viséesdiscursives, genres situationels et construction textuelle. In: BALLABRIGA, Michel (Org.). **Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation**. Toulouse: Editions Universitaire du Sud, 2002, p. 45-73.

COUTINHO, Maria Antónia. O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística. **Veredas**, 10 (1-2), 2006, p. 1-13.

COUTINHO, Maria Antónia. Descrever géneros de texto: resistências e estratégias. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), **Anais...Tubarão**: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007,p. 639-647.

KUON, Peter. Lespossibilités et les limites de l'étudestructuraledesgenres. In: GÉRARD, Christophe et MISSIRE, Régis (éds). **Eugenio Coseriuaujourd'hui – Linguistique et philosophie du langage**. Limoges: Lamber-Lucas, 2015, p. 177-194.

MIRANDA, Florência. **Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

OMAR, Arthur. O Antidocumentário - Provisoriamente. **Revista de Cultura Vozes**, v. 72, n. 6, 1978, p. 5-18.

RAMOS, Fernão Pessoa.**Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac/SP, 2008.

RASTIER, François. **Arts et scientesdutexte**. Paris: PUF, 2001.

SILVA, Paulo Nunes da. Parâmetros e marcadores do gênero dissertação de mestrado: análise de um *corpus* do português europeu. **Estudos Linguísticos**, n. 8, 2013, p. 243-261.

SILVA, Silvio Luis da. **Escravo moderno em discurso: figuras de ação e ação em discurso nas representações do agir humano**. (Tese), 161 p. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2016.

TABULEIRO DE CANA, XADREZ DE CATIVEIRO. Direção: Thalles Gomes. Brasil: Comissão Pastoral da Terra de Alagoas, 2006. Duração 35 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IgxAn4b32Q>. Acesso em mar/2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, 51(1), 2007, p. 39-79.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos *et al.* Gêneros orais – conceituação e caracterização. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 1-8.